

A PROBLEMÁTICA DAS DIRETRIZES CURRICULARES DOS CURSOS DE TEOLOGIA - UM ESTUDO DE CASO

DIAS, Agemir de Carvalho. UFPR –
Doutorando em História. Professor de Teologia da FEPAR.
Grupo de Pesquisa CNPQ: Evangélicos e Ética Social.
Membro do Núcleo paranaense de pesquisa da Religião (NUPPER).
Email: agemir@terra.com.br

RESUMO

Este trabalho relata a discussão realizada na FEPAR (Faculdade Evangélica do Paraná) para a formulação das diretrizes curriculares para o seu curso de Teologia. Os cursos de Teologia não eram reconhecidos pelo MEC até 1999. Com o reconhecimento da Teologia como campo do saber pelo Estado as IES estão estabelecendo cursos de Teologia que entram em uma outra lógica diferente dos seminários ou cursos de formação mantidos pelas religiões. O caso particular da Teologia da FEPAR é a sua ligação com a área de saúde que é especificidade dessa instituição de ensino, e a pluralidade da mantenedora que congrega 13 denominações evangélicas.

PALAVRAS CHAVE: Educação Teológica, Evangélicos, Diretrizes Curriculares.

1. Apresentação do Problema

A sólida formação cultural, acadêmica e teológica dos líderes da Reforma Protestante do século 16 pode ser considerada como uma característica do movimento reformista. Os teólogos reformados estudaram em universidades que, naquele tempo, já estavam consolidadas¹ e a formação deles está ligada à história das universidades européias. Além disso, o movimento reformador associa-se ao movimento humanista presente no século 16.

Um exemplo do compromisso dos reformadores com a educação superior foi a criação da Academia de Genebra, por João Calvino, o que demonstra a importância dada por Calvino à formação humanista como um dos recursos para a propagação do Evangelho. Para ele, a Academia deveria servir para a preparação dos líderes eclesiásticos e para o governo civil da cidade. Cabia à

Academia prioritariamente ensinar as “doutrinas sagradas”, mas, para João Calvino, a ciência e o espírito científico colaboravam para a melhor compreensão de Deus.

Es verdad que los que han entendido, o al menos gustado, las artes liberales, con esta ayuda pueden entender mejor los misterios secretos de la divina sabiduría. (CALVINO, 1559, p. 14)

Posteriormente, com a criação dos *seminários*, a formação para a vida eclesiástica veio complementar a formação teológica. Contudo, o ensino da teologia na Europa e nos Estados Unidos não se dissociou da academia, havendo um ensino teológico como campo do saber humano e a preparação para o ministério pastoral como uma atividade de educação eclesial, normalmente complementar à primeira formação.

No Brasil, a trajetória da educação teológica protestante não conseguiu se firmar como um curso superior reconhecido pelo Estado na medida em que, durante o Império, a pequena igreja protestante (ou evangélica) sofria restrições da legislação, segundo a qual o catolicismo era a religião oficial do Estado, as demais igrejas cristãs sendo toleradas com significativas restrições. Proclamada a República, houve a completa separação entre a igreja e o Estado, que se tornou laico, não reconhecendo os cursos de teologia como campo do saber.

O distanciamento brasileiro entre teologia e universidade produziu uma formação teológica voltada para a formação pastoral. Os seminários, espaço do ensino da teologia, serviam às igrejas e não tinham autonomia. Contudo, não foi sem tensão o relacionamento das igrejas com a formação teológica. Longuini Neto (1991) relata em seu *Educação teológica contextualizada* vários desses conflitos nas diversas denominações do protestantismo brasileiro.

O fato novo foi, em 1999, a decisão do MEC de reconhecer o ensino teológico como curso superior, o que mudou o paradigma da educação teológica brasileira. A teologia libertou-se do seminário eclesiástico e encontrou guarida nas universidades e faculdades autônomas. Nessa decisão o MEC não estipulou diretrizes para os cursos de Teologia deixando em aberto para que cada IES estabelecesse as suas próprias diretrizes.

Em especial, a Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR), por meio de decisão da sua mantenedora, a Sociedade Evangélica Beneficente (SEB), instituiu o curso de teologia que tem como desafio peculiar estabelecer a relação entre teologia e saúde.

¹ Lutero foi professor da Universidade de Wittenberg e Zwinglio foi aluno da Universidade de Basileia, enquanto João Calvino, formado pela Universidade de Paris, foi o fundador da Universidade ou Academia de Genebra.

2. A Teologia na FEPAR

O problema e o desafio do curso de teologia da FEPAR é a vocação desta instituição de ensino. Ela tem servido à sociedade paranaense como uma das mais importantes instituições de ensino na área da saúde, afirmação confirmada recentemente pela avaliação do ENADE. A questão é como inserir um curso de teologia em uma instituição de ensino superior que pretende tornar-se referência na área da saúde.

Tradicionalmente, a teologia é classificada como pertencendo à área das ciências humanas. Os métodos e pressupostos desta área costumam ser diferentes daqueles das ciências da saúde. Enquanto em humanas se trabalha com metodologias próprias da filosofia ou das ciências sociais, a saúde trabalha essencialmente com o método experimental.

Porém, a questão do método não é o único obstáculo a ser superado. Devemos pensar também em que medida a teologia poderia contribuir para o desenvolvimento das ciências da saúde, em especial na FEPAR. Neste sentido, devemos procurar os questionamentos feitos já dentro campo da saúde. Desde 1983, na Assembléia da Organização Mundial de Saúde (OMS), a inclusão de uma dimensão “espiritual” ou “não material” vem sendo alvo de discussões, inclusive com propostas para modificação do conceito de saúde para algo como “um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, **espiritual** e social e não meramente a ausência de doença” (FLECK, 2003).

Novamente, o problema tornou-se metodológico: como medir a espiritualidade, ou como estabelecer um indicador de bem-estar em que a dimensão religiosa esteja prevista? A ciência não estabeleceu ainda um indicador adequado, mas o assunto está em discussão no Grupo de Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde, que já elaborou um instrumento genérico de avaliação da qualidade de vida contendo cem itens, quatro dos quais se referem ao quesito “religiosidade, espiritualidade e crenças pessoais” (WHOQOL-100 -World Health Organization Quality of Life Instrument). Desta forma, o WHOQOL fez as seguintes perguntas teológicas: Suas crenças pessoais dão sentido à sua vida? Em que medida você acha que sua vida tem sentido? Em que medida suas crenças pessoais lhe dão força para enfrentar dificuldades? Em que medida suas crenças pessoais lhe ajudam a entender as dificuldades da vida?. Estas perguntas se tornaram instrumento metodológico para medir bem-estar e saúde.

Assim como a metodologia não é o único obstáculo, a relação entre saúde e teologia não é o único desafio do curso de teologia: na FEPAR, a teologia tem o desafio de resgatar uma memória histórica e teológica da formação do campo religioso evangélico no Brasil e em especial em Curitiba. A SEB é a mantenedora de um dos maiores hospitais do Paraná e esta sociedade não

conhece a sua história, porque não há estudos acadêmicos sobre ela. Além disso, é desconhecido pelo meio evangélico, pela sociedade em geral e, diga-se também, pela academia brasileira que os movimentos de cooperação entre evangélicos no mundo deram início ao movimento ecumênico e a todos os seus desdobramentos, inclusive a elaboração de um projeto de cultura de paz mundial. Outro elemento de pesquisa é as motivações que levaram os evangélicos a desenvolverem projetos de saúde, que se reportam ao trabalho dos missionários médicos (por exemplo, o reverendo Parisio Cidade, fundador da SEB), bem como a negação de tratamento dos evangélicos em hospitais católicos, por causa das suas crenças religiosas, como foi o caso na formação do Hospital Samaritano de São Paulo (cf. DIAS, 2003, p. 70).

A pesquisa teológica não se esgota nestes dois desafios que aqui delineamos: a Faculdade de Teologia dialoga com as igrejas associadas à SEB, ou seja, com comunidades de fé que estão em plena expansão. Vivemos uma verdadeira ebulição social, o fenômeno da conversão em massa dos brasileiros para as igrejas evangélicas está impondo uma nova agenda teológica caracterizada pelo maior envolvimento do segmento evangélico na sociedade e as diversas igrejas deste segmento estão sendo desafiadas a assumir responsabilidades diante da sociedade brasileira. Um novo conceito teológico começa a se tornar hegemônico no discurso do mundo evangélico: o conceito de missão integral.

Tal conceito está direcionando as igrejas para assumirem cada vez mais atividades distintas da sua atuação tradicional no Brasil. Hoje, as ações exercidas pelas igrejas são múltiplas, indo desde os meios de comunicação até o atendimento ao idoso, desde a educação até a capelania nas forças armadas, desde campanhas de aleitamento materno até projetos de desenvolvimento sustentado. Hoje, uma grande igreja necessita de tantos profissionais diferenciados em seus diversos ministérios como as empresas necessitam de teólogos que entendam esse grande e diverso mercado da religião que movimenta bilhões de reais nas suas atividades.

Para completar a gama de desafios, o curso de teologia da Fepar, em muitos casos, ainda preparará pessoas que exercerão atividades como clérigos nas diversas denominações associadas da SEB e em outras não associadas.

3. Discussão das diretrizes para o currículo da Teologia

Diante das questões acima levantadas o corpo de professores do curso de Teologia levantou as seguintes diretrizes para a formação do estudante de Teologia na FEPAR.

3.1. Um currículo que privilegie a produção do conhecimento

O currículo de teologia da Fepar deve ter como prioridade a produção do conhecimento em vez da transmissão do conhecimento. Deve ser objetivo do curso que o aluno esteja habilitado a pesquisar e a produzir conhecimento. Assim, o currículo estabelecido abrange uma significativa gama de horas para a metodologia científica, com o objetivo de habilitar o estudante de teologia a ser um pesquisador. Esta dimensão do currículo está de acordo com o Plano Nacional de Graduação (PNG), que afirma: “Ensino com pesquisa aponta para o verdadeiro domínio dos instrumentos nos quais cada profissão se expressa, em seu próprio processo evolutivo.” E a produção do conhecimento está relacionada com a extensão universitária, como afirma o PNG: “Ensino com extensão aponta para a formação contextualizada às agudas questões da sociedade contemporânea.”(www.mec.gov.br)

3.2. O conhecimento deve ser não linear, interdisciplinar e multidisciplinar

A proposta acima está sendo a grande aposta do curso de teologia na FEPAR, em um curso ofertado em módulos, com poucas disciplinas lineares. O conhecimento não linear rompe com a idéia de conhecimento disciplinar. Segundo Pierre Levy, pela primeira vez na história o conhecimento adquirido durante o percurso profissional será obsoleto no final desse período. Ainda segundo o autor, trabalhar significa cada vez mais adquirir conhecimento, transmitir saberes e produzir conhecimento. Hoje, o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que ampliam e alteram muitas funções cognitivas humanas (LEVY,1999). O atual conceito de aprendizagem e produção de conhecimento não busca a totalidade e sim um conhecimento parcial e fragmentado, o abandono dos sistemas, as multirrelações do conhecimento. São desafios presentes em nossos dias. Da mesma forma, as igrejas vivem a “crise dos grandes sistemas teológicos”, que já não dão conta das vivências religiosas presentes nas igrejas. Assim, a teologia, por meio do sistema de módulos, pensa o conhecimento a partir da sua não-linearidade. Por onde começar o estudo da história: com os pais da Igreja ou com a Igreja contemporânea? Devemos começar a exegese pelo Gênesis ou pelo Apocalipse? Estas questões deixam de ser importantes em um curso modular, que deve trabalhar também com a interdisciplinaridade, pensado a partir da premissa de que as disciplinas dialogam entre si, e os professores da mesma forma.

A interdisciplinaridade torna-se um imperativo na elaboração do currículo quando cada vez mais se constata que a disciplinarização, que é a racionalização do conhecimento e possibilitou a construção da ciência moderna, não dá conta das inúmeras inter-relações presentes na sociedade humana. O próprio processo de aprendizagem torna-se deficitário quando pensado de forma

disciplinar, pois a vida é interdisciplinar. A interdisciplinaridade traz de volta a vida, na sua complexidade, para a sala de aula. Um outro fator é que a interdisciplinaridade exige o diálogo entre os professores, o que torna a construção do conhecimento um processo coletivo.

A multidisciplinaridade está presente no curso de teologia com a introdução do conhecimento na área de saúde. Resgata-se uma antiga tradição do conhecimento teológico em que a formação do teólogo se dava no conhecimento das múltiplas disciplinas universitárias. Lembramos que esse tipo de conhecimento multidisciplinar foi o ideal do homem do Renascimento, período em que foram educados os reformadores.

3.3. Uso intensivo das tecnologias da informação e diferentes linguagens

Para isso a FEPAR está se capacitando para ofertar cursos a distância. Cada vez mais, o segmento evangélico é gestor de meios de comunicação. Faltam profissionais habilitados que saibam pensar teologicamente e ao mesmo tempo tenham domínio das tecnologias de comunicação. O curso de teologia pensou, no seu currículo, as estratégias para integrar esta competência aos seus alunos, inclusive como um possível diferencial frente aos demais cursos de teologia presentes na cidade. Teólogos familiarizados com a linguagem do rádio e da televisão, a produção de textos para jornal, que saibam usar os recursos de comunicação da internet etc.

Vivemos em mundo globalizado, Curitiba é uma cidade multicultural e o domínio de outras línguas verbais e não verbais pode ser também um diferencial para o aluno de teologia da FEPAR. É significativo o trabalho de inclusão social nas comunidades que adotaram outras linguagens – como a Primeira Igreja Batista de Curitiba, com o programa com deficientes auditivos, ou a Igreja Presbiteriana de Curitiba, com o culto traduzido simultaneamente para os membros de língua chinesa.

3.4. Ensino de saberes e competências

Com esta afirmação, o curso pensou na formação de um profissional que deverá ser habilitado tanto para o mercado já existente, que são as igrejas e os seus múltiplos ministérios, como também para campos de trabalho ainda não formados mas que se apresentam como possibilidades: instituições de cuidado (hospitais, idosos, crianças em situação de risco, dependentes químicos); organizações não-governamentais que trabalhem com economia solidária, desenvolvimento sustentado, direitos humanos, educação popular, educação religiosa; organizações governamentais

(capelania militar, educação superior, assessoria para assuntos religiosos); empresas (consultoria na área de comércio de produtos religiosos, turismo religioso, organização de eventos religiosos).

Como é praticamente impossível estabelecer uma disciplina para cada um desses assuntos, o aluno deverá aprender saberes e desenvolver competências para poder atuar nas mais diversas áreas.

3.5. Preparo para as incertezas e mudanças

Dentro da linha de raciocínio trabalhada até agora, o curso pensou o mundo futuro como completamente diferente do que encontramos agora. A sociedade moderna, mais do que nunca, levou a efeito a frase de Marx: “tudo que é sólido se desmancha no ar”. A sociedade brasileira é um grande exemplo dessas mudanças: pela primeira vez na história temos *todas as crianças na escola*, o brasileiro está mudando de religião, o país produz prioritariamente para o mercado mundial e com isto o padrão de qualidade internacional se tornou o paradigma das empresas, passou-se de importadores de mão-de-obra a exportadores. Neste contexto, a educação tornou-se a peça-chave: a pessoa que não descobrir que deve se atualizar constantemente não conseguirá se manter no mercado. Por isso, está sendo necessário manter o vínculo com o aluno egresso da FEPAR com programas de aperfeiçoamento, educação a distância, reciclagem profissional .

3.6. Aprender fazendo

O curso pensou um profissional habilitado para atuar na vida da sociedade com dinamismo e criatividade, e para isso habilidades devem ser desenvolvidas na prática. A disciplina de estágio tornou-se assim peça fundamental na relação entre conhecimento e prática. O aluno deve trabalhar com a idéia de projeto, definida por Alfred Schultz como a “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (VELHO, 2003, p. 101). A identidade do curso de teologia dependerá muito da relação do projeto com a sociedade.

O aluno que aprende fazendo é o que elabora projetos e os executa. Conforme Aristóteles, “o homem é aquilo que faz”. Saberemos o que é um aluno da FEPAR no momento em que ele transformar conhecimentos em sonhos, sonhos em projetos, projetos em realidade e realidade em novos conhecimentos.

3.7. Valorização da criatividade, da curiosidade e da alegria de aprender

O simples fato de conviver num agrupamento tão heterogêneo, eclesialmente falando, já é um incentivo para a curiosidade. A experiência da inter-relação pode ser muito útil para a reflexão

teológica em sala de aula. O currículo deve valorizar justamente os aspectos positivos do ensino-aprendizagem. Rubem Alves alerta que a aprendizagem só existe onde o aprender é prazeroso, e da mesma forma só consegue ensinar quem o faz com alegria (ALVES, 1994).

3.8. Pluralidade teológica e filosófica

A própria configuração da SEB exige a pluralidade pois ela é uma associação constituída por 13 denominações evangélicas, não está presente nela uma perspectiva teológica única, apesar de haver uma unidade. O currículo deve abarcar a história do pensamento. As metodologias devem ser pensadas não como a solução para os problemas, mas como caminhos. As teorias devem ser pensadas na perspectiva de Morin:

Uma teoria não é uma chegada, é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução, é a possibilidade de tratar um problema. Uma teoria só cumpre seu papel cognitivo, só adquire vida, com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. E é essa intervenção do sujeito o que confere ao termo *método* seu papel indispensável. (MORIN, 2003, p. 24)

3.9. Desenvolvimento de uma cultura de paz

O manifesto por uma cultura de paz divulgado pela Unesco está de acordo com a agenda das igrejas cristãs no mundo inteiro. Devemos lembrar que vivemos a década de combate à violência, campanha promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e adotada pelas igrejas-membro e por conselhos ecumênicos nacionais como o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil). Esta perspectiva educacional veio para ficar, pois é fruto de toda uma caminhada de educadores, religiosos e militantes pelos direitos humanos no sentido da construção de uma sociedade de paz.

Os valores associados ao respeito à vida, à prática da não-violência, à generosidade, ao respeito à diversidade cultural, ao desenvolvimento sustentado e ao desenvolvimento de uma comunidade com plena participação da mulher são extraídos do Evangelho e pertencem à história das comunidades evangélicas.

A cultura da Paz tem sido trabalhado como tema transversal em todos os módulos.

3.10. Perspectiva multicultural

Trabalhar com uma perspectiva multicultural é valorizar a diversidade e a pluralidade. O discurso da unidade no movimento evangélico se diferencia do discurso da unidade no catolicismo. A unidade no meio evangélico não se encontra nas instituições eclesiais e nem nos organismos

ecumênicos ou de cooperação, mas na centralidade da Palavra de Deus revelada em Jesus Cristo e na ação do Espírito Santo. O protestantismo não verá a multiplicidade de igrejas (instituições) como um problema a ser resolvido, mas sim como convivência respeitosa na casa comum (*oikoumene*).

A perspectiva multicultural relativiza a verdade única, nega a hegemonia política de um único centro, valoriza o diferente e pensa uma ética mundial (cf. KÜNG, 1993).

Boff define os parâmetros para a construção de uma ética mundial a partir dos seguintes imperativos mínimos: cuidado, solidariedade, responsabilidade, diálogo, compaixão e libertação e holismo, que é a capacidade de ver a transversalidade (cf. BOFF, 2003).

4. Um referencial teórico múltiplo

As perspectivas presentes acima recebem a contribuição de diversos teóricos da educação. Como alerta Morin, a teoria deve ser não a solução do problema, mas a possibilidade de tratar um problema. O que acontece é que temos diversos problemas. O curso de teologia deve fazer um ensaio de “profecia”, deve imaginar a sociedade do futuro e o homem do futuro. Neste sentido, a teologia é utópica, pois trabalha com não-lugares.

Ela trabalha com uma tradição milenar e o resgate dos valores evangélicos traduzidos para uma sociedade nova torna-se um imperativo. Conforme o teólogo suíço Karl Barth, a teologia se faz com a Bíblia em uma mão e o jornal na outra. Hoje, nenhum autor se arvora como tendo a teoria salvadora do ponto de vista educacional: pelo contrário, todos estão perplexos com as rápidas transformações que ocorrem no mundo. O ensino universitário é um grande exemplo do que estamos falando, pois o Brasil discute mais uma vez a reforma universitária, discussão esta que se arrasta desde 1968 e já rendeu uma série de políticas públicas. Por certo teremos novas modificações em breve.

Que problemas na formação dos alunos a teologia pretende resolver com sua proposta curricular e em que medida as teorias nos ajudam a resolvê-los? Os pontos levantados acima indicam um referencial teórico múltiplo.

A experiência como elemento central na construção do conhecimento nos é lembrado por Freinet:

Infeliz educação a que pretende, pela explicação teórica, fazer crer aos indivíduos que podem ter acesso ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência. Produziria apenas doentes do corpo e do espírito, falsos intelectuais inadaptados, homens incompletos e impotentes. (FREINET, 1991, p. 42)

O paradigma da alegria na educação é defendido por Alves e Snyders:

Quanto mais os alunos enfrentam dificuldades – de ordem física e econômica – mais a Escola deve ser um local que lhes traga outras coisas. Essa alegria não pode ser uma alegria que os desvie da luta, mas eles precisam ter o estímulo do prazer. A alegria deve ser prioridade para aqueles que sofrem mais fora da Escola. (Entrevista de George Snyders a Lourdes Stamato De Camillis, mestra em filosofia da educação pela PUC-SP. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_11_p159-164_c.pdf)

A educação em um mundo globalizado é a discussão de educadores ligados a Unesco, como Edgar Morin.

Na pedagogia de Paulo Freire, temos a dimensão crítica: o futuro tem que ser melhor e para isso devemos saber ler criticamente a realidade atual.

Diversos autores trabalham com a importância das novas tecnologias para a educação e com o processo do conhecimento depois do advento da rede mundial de computadores (internet) e das hipermídias. Pierre Levy e Manuel Castels se tornaram referências mundiais na discussão do problema.

Boff e Küng estão preocupados com a formulação de uma ética mundial e ecumênica, fundamentais quando vivemos a construção de uma sociedade globalizada.

Na busca de contemplar essas dimensões na educação teológica o curso da FEPAR está buscando criar uma nova linguagem para o ensino teológico, elevando a dimensão do humano no seu ensino sobre o divino resgatando assim o seu conteúdo humanístico e uma pertinência do discurso teológico no mundo moderno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, J. *Institución de la Religión Cristiana*. Rijswijk (Z.H.) – Países Bajos, 1967.

LONGUINI NETO, Luiz. *Educação teológica contextualizada: Análise e interpretação da presença da ASTE no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1991.

FLECK, Marcelo Pio da Almeida; BORGES, Zulmira Newlands; BOLOGNESI, Gustavo *et al.* Desenvolvimento do WHOQOL, módulo espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais. *Saúde Pública*. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102003000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 17maio2005.

DIAS, A. C. *O papel educador do ecumenismo*. Dissertação de mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. RJ: Jorge Zahar Editor, 2003.

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1994.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 1999.

KÚNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.

BOFF, L. *Ethos mundial*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREINET, C. *Pedagogia do bom senso*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.